

# **Interacionismo Simbólico, Dramaturgia e Etnometodologia: o desenvolvimento de novas perspectivas em Ciências Sociais.**

Debate o discusión em teoria social

GT 31 – Teoria Social Contemporânea.

José de Oliveira Junior<sup>1</sup>

## **RESUMO**

O interacionismo simbólico, a dramaturgia e a etnometodologia são consideradas correntes teórico-metodológicas e conformam o objeto desse estudo. Desta forma, tem-se como objetivo principal descrever o surgimento e desenvolvimento dessas teorias no âmbito da sociologia contemporânea estadunidense e mundial. As mudanças ocorridas em sociedade ao longo da história e do desenvolvimento do pensamento sociológico trouxeram consigo uma proliferação de abordagens ao pensamento teórico. Nesse sentido, essas perspectivas teóricas e metodológicas estão presentes na teoria social e tem contribuído para que diversos pensadores pensem o social e o cultural a partir da interação dos indivíduos em sociedade. Grandes e profundas modificações aconteceram na teoria social nos últimos séculos, deste modo, às análises em ciências sociais constituíram um empreendimento diversificado. Uma diversidade de visões de mundo tomou corpo e forma após a Segunda Grande Guerra e conquistou adeptos e opositores. Com isso a teoria social passou a ser um empreendimento muito variado. A metodologia aqui utilizada parte das análises bibliográficas acerca dessas correntes de pensamentos e quais suas contribuições para o avanço ou retrocesso do pensamento sociológico. As novas perspectivas em sociologia privilegiam a observação participante, pelo fato de estar mais entrelaçado com o objeto de pesquisa a ser investigado.

**Palavras-chaves:** Interacionismo Simbólico, Dramaturgia de Goffman e Etnometodologia.

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem como objetivo principal discorrer acerca das origens e desenvolvimento da Etnometodologia, Interacionismo Simbólico e Dramaturgia de Erving Goffman (1922-1982). A partir destas perspectivas teórico-metodológicas da teoria social contemporânea buscar-se-á uma trajetória do tempo e espaço das discussões sociológicas. Como surgem essas perspectivas e por quê. Qual a importância desses modos de pensar dentro da sociologia.

A ciência social surge num período de grandes acontecimentos e transição de pensamento. Foi pensada como uma “promessa” na resolução dos problemas socioculturais. Surge numa “era de certezas” e vive numa “era de incertezas”. Qual o sentido e o que pretende as ciências sociais para o mundo e para os sujeitos. O que disse o passado e o que diz o presente sobre os problemas vividos

---

<sup>1</sup> Professor do Ensino Técnico, Tecnológico e Superior do Instituto Federal de Alagoas, Campus Maceió (IFAL). Coordenador de Extensão do Instituto Federal, no Campus Maceió.

Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas (PPGS/ICS/UFAL), no ano de 2009.

Graduado e Licenciado em Ciências Sociais pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, no ano de 2003.

pelos sujeitos em sua cotidianidade. De que forma a ciência tem pensado a respeito do seu papel para o social e o cultural. Qual a crise que existe no pensamento e no conhecimento social.

Toda e qualquer definição de teoria social corre o risco de provocar controvérsias e assombros. Deste modo, a Sociologia surge na Europa ocidental com o começo da sociedade moderna onde à urbanização e industrialização se prolifera vertiginosamente. Este processo de transformação ocorreu com ideias seculares, ou seja, não religiosas, tais como: o de igualdade e liberdade universal. O que impulsionaram essas transformações foram o Cientificismo, a Revolução Francesa em 1789, a Revolução Industrial, o crescimento das cidades e o sistema capitalista através de sua economia. A Revolução Industrial ocorreu no final do século XVIII, na Inglaterra, e se espalhou mundo afora durante os séculos seguintes. Estas Revoluções significaram a consolidação do sistema capitalista na sociedade mundial passando a existir uma hegemonia da produção do capital e do poder político da burguesia enquanto classe social, o que fazia com que fossem criadas novas necessidades na sociedade e conflitos entre as classes sociais que surgiam deste processo: a burguesia e o proletariado, pobres e ricos, grupos étnicos na conservação de suas fronteiras.

Estas revoluções apontaram grandes questões para a humanidade, como por exemplo, as questões sociais e culturais, que demandava um maior controle e organização, ou, como dizem os positivistas, um progresso e uma ordem. Dentre os principais problemas sociais e culturais encontrados existia a superexploração da “classe-que-vive-do-trabalho”, conforme Antunes (1995), produto do processo de industrialização, e que naquela época se encontrava desorganizada enquanto classe e submetida aos interesses da burguesia que emergia com toda força.

A ausência de uma planificação e estruturação nos recém-surgidos centros urbanos agravavam os problemas sociais. Mortalidade Infantil e adulta, condições precárias de moradia e higiene, exploração intensa do trabalho infantil e feminino, dentre tantos outros aspectos. Estas situações acarretaram conflitos sociais e choques culturais, o que demandou a necessidade de um forte e estruturado aparato estatal para manter a “ordem e o progresso”, deste modo, pesquisas e estudos sobre os trabalhadores e suas famílias, bem como as fricções inter-étnicas, e a sociologia urbana.

Grandes mudanças aconteceram na teoria social nos últimos séculos. As análises teóricas em ciências sociais sempre foram um empreendimento diversificado, porém num determinado período, mais especificamente, após a Segunda Grande Guerra uma diversidade de visões de mundo passaram a destacar-se conquistando a aceitação e aplicabilidade. Algumas teorias, como alerta Giddens (2001), são melhores que as outras, e algumas perspectivas rendem mais frutos que outras. Desta maneira, para alguns teóricos das ciências sociais a melhor forma de fazer pesquisa empírica é com um bom fundamento teórico.

Na teoria social contemporânea existe uma síntese renovada sobre o que compreendem as ciências sociais. No entanto, as teorias devem ser avaliadas e percebidas a partir de seu poder explicativo a respeito de alguns aspectos da realidade social e cultural de um grupo, localidade etc. As metodologias qualitativas surgem da convicção de que a ação social é importante na configuração da sociedade e sua cultura. A teoria social passou a compreender uma gama de abordagens variadas, em muitos aspectos, às vezes confusos. Apenas em uma sociedade totalitária seria possível existir um único pensamento e esquema teórico-metodológico incontestável de análise da conduta dos seres humanos e suas ações.

Para Giddens (2001), a ciência social canônica ou clássica, implicava uma falsa interpretação da empresa humana, dessa maneira, a empresa humana deveria ser explicada em termos de causalidade social, pois somos movidos e conduzidos por influências das quais “não temos consciência”. O que precisava ser praticado na teoria social é recuperar a noção do agente humano conhecedor, isto é, “[...] as ciências sociais devem concentrar sua atenção em fenômenos que, em nossa vida cotidiana, reconhecemos como características básicas da ação humana [...]”. (Giddens, 2001, p. 102).

A Sociologia Urbana – se define desse modo para se objetar a vida no campo – surge para entender e diagnosticar os processos de crescimento e desenvolvimento do meio urbano. Traça as características do modo de vida do ser humano na modernidade “concreta” e/ou “líquida” e a sua concentração em aglomerados, onde surgiram as ideias práticas da civilização. Com os avanços da ciência as pesquisas sobre a cidade e seus estímulos nos sujeitos se expandiram trazendo novas perspectivas e práticas de fazer e pensar o ato científico.

No ano de 1892, nos Estados Unidos, na cidade de Chicago é criada a faculdade desta localidade, que se apresenta desde sua fundação com um Departamento de Sociologia e Antropologia. Este departamento ficou conhecido em todo o planeta como Escola de Chicago, que é o nome dado a um enfoque do trabalho sociológico e antropológico associado a este local. A Escola de Chicago surge para tentar compreender e responder a questões como: patologia social, sub-habitação, delinquência, marginalidade, choque cultural, problemas de planejamento urbano.

A Escola de Chicago é um marco no que diz respeito aos estudos urbanos. Sobretudo, porque, no fim da Guerra Civil Americana (1861 – 1865), muitos migrantes europeus e americanos, negros e brancos do Sul dos Estados Unidos, aumentou significativamente e fez crescer vertiginosamente a cidade e sua população. De acordo com Velho (2000, p. 16), “[...] A maciça presença de migrantes introduz, entre outras variáveis, uma forte diversificação lingüístico-cultural expressa no próprio mapa da cidade, com bairros étnicos e guetos”.

As fronteiras internas da cidade fazem surgir uma forte segregação e a partir dessa constatação os cientistas passam a pesquisar esta situação. A preocupação com a ecologia das populações, as relações com o ambiente e a lógica de seus deslocamentos passam a ser a visão significativamente orientada para uma organização social no/do espaço. A Escola de Chicago forneceu uma importante contribuição ao estudo e investigação da cidade e do bairro, através de observação participante, coleta de dados, entrevistas, histórias de vida dentre outros mecanismos de investigação científica. Mesmo sendo criticada por muitos pesquisadores que discordam do resultado e conceitos desta Escola, ela foi um marco nos estudos urbanos, isto é inegável.

Foi a partir dos estudos empreendidos pela Escola de Chicago que surgiram as perspectivas teóricas e metodológicas do interacionismo simbólico e da dramaturgia de Goffman, e na Universidade da Califórnia nos EUA na década de 60, a etnometodologia.

Do ponto de vista da abordagem sociológica o interacionismo simbólico se caracteriza pela preocupação em entender e estudar como os indivíduos são coagidos pelas instituições sociais e como transcendem a esta coação. Adotam a postura pragmática na investigação científica. O pragmatismo é uma filosofia de ação e desenvolveu um conceito de ação para poder superar o dualismo cartesiano. A teoria pragmática da ordem social é orientada pela concepção do controle social no sentido de auto-regulação e solução de problemas coletivos. Os pragmáticos colocam em dúvida o sentido da dúvida cartesiana. Nesse sentido,

Essa crítica da dúvida cartesiana nada mais é que a defesa de autoridades inquestionáveis contra a reivindicação emancipatória do eu pensante; é, portanto, um pleito em defesa da verdadeira dúvida, em defesa do entendimento da cognição em situações concretas (Joas, 1999, p. 134).

As consequências destas transformações da reflexão filosófica e sociológica passam a ter um grande alcance. O que muda é toda a relação entre a cognição e a realidade. O conceito de verdade não corresponde mais a correta representação da realidade na cognição. A influência do pragmatismo em sociologia começou com Dewey e Mead.

De acordo com Johnson (1997), a etnometodologia, da forma como foi pensada e desenvolvida por Harold Garfinkel é o estudo de como o sujeito realmente age na interação social para manter um senso contínuo de realidade em uma situação. Sujeitos se olham conversando e escutando,

inclinam a cabeça ou murmuram palavras, dando sinal de que continuam o interesse pela conversação, fazem e respondem perguntas, revezam-se falando e assim vão. Com o intuito de colher dados, os etnometodólogos utilizam análises de conversas e um rigoroso conjunto de técnicas para observar e registrar sistematicamente o que ocorre quando sujeitos interagem em ambientes comuns do cotidiano.

## 2. INTERACIONISMO SIMBÓLOICO

A escola da interação simbólica, de acordo com Haguette (1992), deve ser reportada em suas origens aos clássicos da sociologia americana do fim do século XIX, tais como, Charles Horton Coolly (1864-1929), W. I. Thomas (1863-1947) e George Herbert Mead (1863-1931), embora o termo interacionismo simbólico tenha sido cunhado por Herbert Blumer em seu artigo de 1937, intitulado “*Symbolic interactionism – Perspective and Method*”. Nessa fase de delimitação o aparecimento do termo interacionismo simbólico, expresso por Blumer e Mead, introduz a palavra e dar-lhe um tratamento sistemático.

A obra de George Herbert Mead contribuiu para a conceitualização da perspectiva interacionista. Embora tenha publicado diversos artigos Mead o fez em periódicos especializados nos campos de filosofia e ética, que dificilmente seriam consultados por sociólogos ou psicólogos sociais. Pode-se considerar o ano de 1937 como o do início de uma tradição de pesquisa blumeriana no Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago que constitui o começo da escola ou tradição de pesquisa do interacionismo simbólico (Nunes, 2005).

A sociologia de Chicago desenvolveu-se originando duas vertentes: uma liderada por Blumer e Faris, sob a influência predominante de Mead, outra constitui a sociologia urbana de Chicago, liderada por Park e Burgess.

Mead não publicou nenhuma obra completa e sistemática sobre a teoria. Seu sistema de psicologia social, entretanto, é apresentado de forma completa em *Mind, Self and Society*, um dos mais importantes e influentes livros na área da interação simbólica, onde explora não somente a complexa relação entre a sociedade e o indivíduo, como expõe a gênese do *self*, o desenvolvimento de símbolos significantes e o processo de comportamento da mente. Mead é o arquiteto por excelência do interacionismo simbólico. Ele próprio se referia à sua teoria em termos de *Behaviorismo social*, entendendo por isto a descrição do comportamento do nível humano cujo dado principal é o ato social concebido não só como o comportamento externo observável, como também a atividade encoberta do ato (Haguette, 1992).

De acordo com Mead, toda atividade grupal se baseia no comportamento cooperativo. A associação humana surge somente quando cada indivíduo em sua individualidade percebe a interação dos atos dos outros e, então constrói sua própria resposta baseado naquela interação. Isto significa que para existir cooperação entre seres humanos, é necessário que alguns mecanismos estejam presentes de forma que cada indivíduo e sua individualidade possam entender as linhas de ação dos outros e, possa direcionar seu próprio comportamento a fim de acomodar-se àquelas linhas de ação. O comportamento humano não é uma questão de resposta direta às atividades dos outros, mas envolve uma resposta às intenções dos outros, ou seja, ao futuro e intencional comportamento dos outros, não somente às suas ações presentes. A sociedade humana se funda, no entanto, na base do consenso, de sentidos compartilhados sob a forma de compreensões e expectativas comuns (Haguette, 1992).

Os interacionistas herdaram do pragmatismo a rejeição à metáfora fundacional do conhecimento, à visão do sujeito de conhecimento como espectador e à dualidade cartesiana entre corpo e mente. A essência especular do conhecimento é substituído por uma concepção construcionista e processual. Os indivíduos devem interpretar o significado das coisas, eventos e ações que não se origina na correspondência com o mundo, mas emerge da interação social (Nunes, 2005).

Ao enfatizar que o ser humano possui um *self*, Mead quer mostrar que da mesma forma que o indivíduo age socialmente com relação a outros indivíduos, ele interage socialmente consigo mesmo. Ele pode tornar-se o objeto de suas próprias ações. O *self*, assim como outros objetos, são formados através das definições feitas por outros que servirão de referencial para que ele possa ver-se a si mesmo.

O conceito de definição da situação vai ser um bom ponto de partida para a compreensão do quadro teórico do interacionismo simbólico. Sua primeira formulação está em *The Unadjusted Girl*, de W. I. Thomas. Para Thomas, antes de qualquer ato de comportamento auto-determinado existe sempre um estágio de exame e deliberação que pode chamar-se de definição de situação. Na realidade não só os atos concretos são dependentes da definição da situação, mas toda uma conduta de vida e a personalidade do próprio indivíduo derivam, gradualmente, de uma série de tais definições (Nunes, 2005).

Considerar como o ser humano enxerga uma situação independente da concordância ou não de seu proferimento ou expressão com a realidade externa, constitui um importante elemento de interpretação. Aceitar o conceito de definição da situação na perspectiva interacionista, conforme Nunes (2005) implica enfrentar dois tipos de problemas. O primeiro é a caracterização da situação, ou seja, a determinação do que deve ser considerado para definir a situação. Afastando-se do individualismo metodológico e da psicologia behaviorista, o quadro conceitual do interacionismo simbólico é montado a partir de uma teoria do *self* que representa uma tentativa de resolver o segundo problema a que nos conduz a aceitação do conceito de definição da situação na perspectiva interacionista: a relação entre agente e situação, ou entre indivíduo e sociedade.

As teorias do *self* que integram a tradição interacionista simbólica têm sua origem na concepção de James (1890), que distingue os aspectos discriminados do *self*, designando-os como EU e MIM. O Eu corresponde ao aspecto puro do *self*, ao indivíduo, a um sentido de identidade pessoal e social. O Mim corresponde ao aspecto empírico do *self*. Mead assimilou a noção de *self* social de James como realização da comunicação, assim como a ideia do Eu como fonte de identidade. Para Mead o *self* não é um auto-sentimento que devemos presumir como resultado de imagens refletidas de como somos reconhecidos pelos outros, ao contrário, ele emerge da comunicação significativa com os outros (NUNES: 2005).

Mead procura desenvolver em seus escritos uma ontogênese do *self*, classificando seu desenvolvimento em três fases. A primeira, preparatória, onde a criança imita as ações dos outros, nesse estágio, não passa de imitação, pois não comporta uma compreensão simbólica. A segunda é a da brincadeira, que ocorre durante a aquisição da linguagem, nesse período a criança assume a perspectiva das pessoas que respeita que teme ou com quem se identifica; tais indivíduos, os outros significantes, funcionam como modelos de papéis para o comportamento da criança. O terceiro estágio do desenvolvimento do *self* é representado pela atividade do jogo, que envolve a necessidade de assumir diversas perspectivas simultaneamente e não apenas em relação a um outro significante.

Mead não elabora uma filogênese do *self*, contudo, faz considerações com base em estudos empíricos sobre o comportamento e expressão gestual em animais, associando esse tipo de comportamento a níveis sub-humanos de comunicação. A questão primordial da perspectiva metodológica do desenvolvimento do *self* é explicar a passagem de uma interação mediada por gestos, enquanto fase primária do ato social, para uma interação simbólica, já que o *self* tem como origem a comunicação. Mead procura explicar essa mudança através do processo de tomar o papel, ou tomar a atitude do outro (NUNES, 2005).

A tomada de papéis, conforme Nunes (2005) consiste em tomar a perspectiva de outros indivíduos ou grupos, como visão de mundo e orientação para nossas ações. A tomada de papéis é uma atividade mental que envolve inferência a partir da observação de ações dos outros. Tomar papéis pressupõe um quadro ideal de padrões de ação consistentes que podem ser identificados e transmitidos.

Mead tende a oferecer uma explicação naturalista baseada na fisiologia do cérebro para a tomada de papéis e conseqüentemente para a comunicação simbólica nas interações.

Haguette (1992) ao discutir as ideias de Blumer (1969) apresenta os mais relevantes aspectos da interação simbólica tentando ser fiel ao pensamento de Mead. Neste sentido, são três as premissas básicas do interacionismo simbólico:

1. O ser humano age com relação às coisas na base dos sentidos que elas têm para ele.
2. O sentido destas coisas é derivado, ou surge, da interação social que alguém estabelece com seus companheiros.
3. Estes sentidos são manipulados e modificados através de um processo interpretativo usado pela pessoa ao tratar as coisas que ela encontra. (Blumer apud Haguette, 1992, p. 35).

Os deslocamentos tomados pelos seguidores dos clássicos, no interacionismo simbólico, levaram o surgimento de duas orientações diferentes: a Escola de Chicago e a Escola de Iowa. A divergência fundamental entre as duas escolas é no campo metodológico.

Tendo feito este itinerário a respeito do interacionismo simbólico podemos entender um pouco a dramaturgia sociológica desenvolvida por Erving Goffman (1922-82), canadense, que demonstra em seus trabalhos a influência de Thomas e Mead. Goffman segue a trilha do interacionismo simbólico buscando um modo próprio de fazer sociologia e entender as ações humanas.

Sua atuação é dirigida para os micros processos sociais. Contribuiu de uma forma significativa para o desenvolvimento da Teoria do Papel, que se baseia na noção dos conceitos de self e de assumir o papel dos outros. Goffman enfatiza que é possível estudar a vida social e cultural dentro dos limites físicos, e que a perspectiva empregada por ele em seu texto *A representação do Eu na Vida Cotidiana* (1975), é a representação teatral.

Na vida cotidiana, o mundo é tomado não só como realidade concreta pelos membros que estão na sociedade, mas a ação subjetiva é dotada de um sentido que marca para sempre a vida (Berger, 1985; Goffman, 1988). O mundo se origina no pensamento e na ação dos indivíduos e por eles são vivenciados e considerados reais.

Os pressupostos pelos quais procura seguir são de caráter dramático. Assim, como o palco apresenta ações que são simulações, a vida apresenta situações reais que às vezes parecem bem ensaiadas. Os indivíduos na presença de outros geralmente procuram obter informações a seu respeito ou trazem o que possui. Desse modo, a informação sobre os indivíduos serve para definir a situação fazendo com que os outros sejam capazes de conhecer antecipadamente o que esperar deles e o que deles podem esperar.

Goffman se utiliza de conceitos e categorias tais como: palco, desempenho, ausência, observadores, papel etc., para colocar alguns indivíduos, ou todos os indivíduos, desempenham seus papéis no palco da vida. Sua visão a respeito da sociedade e das ações individuais é baseada nas ideias dos filósofos cômicos, resgatando esta corrente filosófica que entende o mundo e os humanos como seres contraditórios e demasiadamente humanos.

A obra de Goffman possui duas vertentes distintas, de acordo com Haguette (1992), a primeira seria a vertente dramática, e, a segunda é fruto da experiência do autor adquirida através de seus estudos sobre hospitais psiquiátricos. Suas obras possuem um valor muito significativo para a sociologia e para a psicologia social.

### 3. ETNOMETODOLOGIA

A Escola de Chicago passou a tomar uma atitude no modo de olhar o mundo e os seres humanos a partir das relações psico-sócio-antropológico-culturais que até então não existia em ciências sociais. A cidade passa a ser objeto de interesse e investigação científica do prisma dos acontecimentos

urbanos e da distribuição dos indivíduos no solo e espaço habitado e consumido. A etnometodologia é uma corrente ou perspectiva em sociologia surgida nos EUA na década de 60. Esta perspectiva em ciências sociais surge na cidade da Califórnia, nos campi da Universidade de mesmo nome, e se espalha pelas universidades americanas. O termo etnometodologia foi cunhado por Harold Garfinkel na década de quarenta quando empreendia uma pesquisa sobre jurados de tribunais na Universidade de Chicago. No entanto, o termo etnometodologia surge no livro do mesmo pesquisador intitulado *Studies in Ethnometodology*, onde irá dizer que se trata de,

Practical activities, practical circumstances, and practical sociobiological reason as topics of empirical study, and by paying to the most commonplace activities of daily life the attention usually accorded extraordinary events, seek to learn about them as phenomena in their own right (Garfinkel, S/d, p. 01).

A partir da descoberta da existência de termos como etnobotânica, etnofisiologia e etnofísica, de acordo com Haguette (1992), Garfinkel entendeu que etno referia-se de alguma maneira a forma como um membro de uma comunidade baseada no conhecimento de senso comum desenvolve estes conhecimentos a respeito do seu mundo circundante.

A etnometodologia terá uma importância teórica e metodológica pelo fato de romper com uma forma radical com os modos do pensamento e investigação científica da sociologia tradicional ou clássica. Ela passa a ser uma perspectiva de pesquisa social e cultural a partir de uma visão intelectual sobre o mundo e a realidade. De acordo com os pressupostos desta corrente de pensamento social todos os indivíduos pensantes são sociólogos práticos, pois o real já se encontra descrito pelas pessoas em suas caminhadas e marcas. É a linguagem cotidiana dos indivíduos comuns que diz a realidade, descrevendo-a e constituindo-a. Todo grupo social e cultural é capaz de se compreender e comentar-se, além de se analisar. Por isso, Haguette (1992, p. 48), coloca que, “[...] Seria a maneira peculiar de buscar, de dissecar, de sentir, de ver, finalmente, certa realidade, porém, não somente ver, mas “ver-relatando” porque a fala é uma parte constituinte do mesmo ambiente sobre o qual se fala”.

Garfinkel fez seus estudos de doutoramento no ano de 1946, na Universidade de Harvard, cuja direção era composta por Talcot Parsons. Lê a respeito da fenomenologia. A Fenomenologia é um movimento filosófico do século XX que tem como base a Psicologia. De acordo com Daniel Augusto Moreira (2002), a palavra fenomenologia foi usada inicialmente por um matemático, astrônomo, físico e filósofo suíço-alemão Johann Heinrich Lambert (1728-1777). Posteriormente Hegel também irá contribuir com a fenomenologia. No entanto, como movimento filosófico a fenomenologia nasce no século XX, como já foi dito, com a obra *Investigações Lógicas* de Edmund Husserl, nascido em 1859. Para Moreira,

O termo fenomenologia deriva de duas palavras de raiz gregas: *phanomenon* (aquilo que se mostra a partir de si mesmo) e *logos* (ciência ou estudo). Portanto etimologicamente, Fenomenologia é o estudo ou ciência do fenômeno, sendo que por fenômeno, em seu sentido mais genérico, entende-se tudo o que aparece, que se manifesta ou se revela por si mesmo (2002, p.63).

De acordo com Haguette (1992, p. 49), a perspectiva de Garfinkel passa pela fenomenologia através de Alfred Schutz e Edmund Husserl, entre outros, que o levaram a posicionar-se contrário a certas versões durkheimianas que ensinaram que a realidade objetiva dos fatos sociais é o princípio fundamental da sociologia. Dessa maneira, “[...] A etnometodologia estuda e analisa as atividades cotidianas dos membros de uma comunidade ou organização, procurando descobrir a forma como elas se tornam visíveis, racionais e reportáveis... o fenômeno é uma característica singular da ação”.

O interesse de Garfinkel passa a ser as atividades práticas e o raciocínio prático da vida cotidiana. A etnometodologia analisa de que forma as crenças e os comportamentos de senso comum são constituintes necessários de todo comportamento que é socialmente organizado. A rotinização é, de certa maneira, estruturante para o indivíduo.

Para os etnometodólogos os comportamentos e atividades dos indivíduos não são induzidos por sua posição social. Pensam que os sociólogos socializam ao extremo o comportamento social e cultural, pois, a interpretação das normas não explica por si só a maneira como os indivíduos percebem e interpretam o mundo e seu lugar no mesmo. A etnometodologia procura conhecer e descobrir de que modo os indivíduos vivem sua vida cotidiana dentro da sociedade e cultura para poder construir a realidade social. Procura descobrir a natureza da realidade cotidiana dos indivíduos. As pessoas no cotidiano são teórico-práticos criando sentidos e compreensões da vida uns dos outros. Garfinkel percebe a sociedade como sendo uma estrutura de regras e conhecimentos compartilhados que tornam a interação social possível e estável.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A sociologia recebe várias definições de acordo com os diversos pensamentos propostos para esta ciência. Alguns dizem que é a ciência da sociedade, outros que é a ciência dos fenômenos sociais. Também foi definida como ciência das instituições, ciência da organização e mudança social, ciência das relações humanas, ciência dos processos sociais, ou ciência do comportamento coletivo. No meu modo de pensar a sociologia é a ciência que estuda a sociedade e a cultura, bem como a maneira como os sujeitos vivem, habitam, transformam e mantêm a tradição, os hábitos e seus costumes. A partir da definição da sociologia para alguns intelectuais é que esse ramo da ciência tomará diversos destinos e buscará múltiplos significados para a vida em sociedade e cultura.

Os desafios e dilemas do pensar sociológico no processo histórico são cheios de avanços e recuos, saltos e armadilhas. Novas perspectivas surgem em sociologia, porém, junto com elas diversos alertas sobre as mesmas também vem. O interacionismo simbólico e as perspectivas que vão a seu caminho passam a entender a sociedade como uma entidade formada por indivíduos e grupos sociais e culturais em constante interação no compartilhar de sentidos que surge enquanto compreensões e expectativas comuns. A sociedade e sua humanidade é feita de sujeitos em ação e em movimento.

Não são as regras que fazem com que os grupos se sustentem, mas os grupos que criam suas regras e condutas. A vida em coletividade e na cotidianidade representa um processo de formação, sustentação e transformação de objetos, desta forma os sentidos se modificam a partir do momento da interação, provocando modificações no mundo dos indivíduos. Os indivíduos aprendem a agir, por isso, sua ação é uma construção não algo dado e imutável.

Na compreensão das ações individuais e coletivas se faz necessário a identificação do mundo de objetos aos quais são criados os sentidos e significados. A realidade é produto de experiência humana na terra, deste modo, os aspectos objetivos e subjetivos observáveis são aqueles que fazem parte da realidade concreta. As novas perspectivas em sociologia privilegiam a observação participante, pelo fato de estar mais entrelaçado com o objeto de pesquisa a ser investigado.

As correntes metodológicas e teóricas interacionista simbólica, etnometodologia e dramaturgia sustentam que a teoria social deve ser desenvolvida de acordo com as observações das interações entre os sujeitos nos contextos da vida real.

A sociologia contemporânea passou a ter uma conflitualidade interna de métodos. A sociologia nos dias atuais passou a ser um espaço plural. Com o processo de internacionalização, ou mundialização da cultura surgiram novas práticas e novos discursos sobre as questões sociais e culturais. A modernidade acendeu a consciência da desordem de maneira tamanha que o recurso a

explicações da ordem fez mais apelo à desordem. As ciências sociais, assim como todas as ciências na modernidade passam por um período de desencantamento e encantamento.

## 5. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.

GOFFMAN, Erving. **Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

GARFINKEL, Harold. What is ethnomethodology? In: \_\_\_\_\_. **Studies in Ethnomethodology**.

GIDDENS, Anthony. O que é ciência social. In: \_\_\_\_\_. **Em defesa da sociologia: ensaios, interpretações e tréplicas**. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

JOAS, Hans. Interacionismo Simbólico. In: GIDDENS, A. e TURNER, J. (Orgs.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira, 2002.

NUNES, Jordão Horta. **Interacionismo simbólico e dramaturgia**: a sociologia de Goffman. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

NOVAES, Sylvia Caiuby. **Jogos de espelhos**: imagens da representação de si através dos Outros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

VELHO, Gilberto. **Individualismo, anonimato e violência na metrópole**. Horizontes Antropológicos/UFRGS. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – ano 6. n. 13 . Porto Alegre: PPGAS, 2000.